

## ENTREVISTA: WILLI BOLLE

## Retrato da alma do Brasil

LUIZ FERNANDO VITRAL

**P**rofundamente envolvido no desenvolvimento do texto de seu projeto, que vai trazer uma visão original de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, relacionada com os retratos do Brasil, o professor Willi Bolle conta para a revista *Pesquisa FAPESP* passagens de sua vida e de seus estudos, que o levaram a se embrenhar nos labirintos da obra do escritor mineiro. Bolle é alemão e apaixonou-se por Rosa ainda na terra natal. Veio para o Brasil aos 22 anos e conseguiu um encontro com o escritor logo que chegou. Hoje, radicado no Brasil, ele é professor de literatura alemã na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

■ *Como foi seu primeiro contato com Guimarães Rosa?*

— Foi em 1966, no semestre de verão. Eu era estudante da Freie Universität Berlin. O professor Antonio Augusto Soares Amora, da USP, estava lá como professor convidado e nos deu um curso de introdução a *Grande Sertão: Veredas*.

■ *Como o senhor passou a entender Grande Sertão: Veredas sob a ótica do jagunço letrado?*

— Ah! Isso foi muito mais tarde. O primeiro contato, na verdade, foi forrar as paredes do meu quarto com as

páginas do livro, porque essa obra me fascinava, me desorientava. Eu queria entender esse labirinto só. A partir de 1990, retomei o *Grande Sertão*, com método e determinação. Aí fui-me inteirar sobre o conceito do jagunço letrado, lançado no debate por Walnice Galvão, em *As Formas do Falso*. Esse é um conceito-chave. O narrador de *Grande Sertão* é um jagunço letrado. Ele liga os dois lados, a experiência da política e da violência e a experiência da cultura do sertão.

■ *Como se dá a transmissão do conhecimento de Zé Bebelo para Riobaldo?*

— Aí há uma troca de papéis. O jovem Riobaldo, que foge da casa do padrinho, na verdade seu pai, Selorico Mendes, encontra mestre Lucas que lhe oferece um emprego de professor. Riobaldo não sabe quem é a pessoa que precisa de um professor. Aparentemente, um fazendeiro. Mas esse aluno é Zé Bebelo, candidato a deputado, tendo como plataforma política acabar com a jagunçagem no norte de Minas. Depois os papéis se invertem. É Zé Bebelo quem inicia Riobaldo, na jagunçagem, na política e na arte de lutar com palavras. O primeiro jagunço letrado, na verdade, é Zé Bebelo. Ele domina a arte das armas e a arte das palavras, que é uma tradição antiga. No *Dom Quixote*, Cervantes discute a questão das armas e das letras, que remonta até a

Antiguidade. Também Júlio César é um guerreiro letrado. É nessa tradição que se situa Riobaldo.

■ *Há interpretações sobre o nome de Riobaldo. Qual é a sua?*

— O protagonista do romance tem a palavra “rio” no nome. Há uma passagem bonita em que ele diz “Eu penso como um rio anda”. Minha interpretação do nome se baseia numa palavra em alemão — “ausbaldowern”, que tem “baldo” no meio, vem do hebraico. Significa investigar, pesquisar, descobrir com arte. Para mim, Riobaldo é o pesquisador do curso da história e o Rio São Francisco é, emblematicamente, o rio da história brasileira. É, também, o pesquisador dos discursos, que representam forças na história e na política brasileiras.

■ *Como se dá o paralelismo entre Os Sertões e Grande Sertão: Veredas?*

— Para construir esse paralelismo viajei ao sertão, a Canudos e ao norte de Minas Gerais, além de aprofundar na leitura das duas obras, inclusive nas notas de Rosa em seu exemplar d’*Os Sertões*. Em termos de método, me orientei pela hermenêutica alemã, que considera essencial para o entendimento de uma obra levar em conta as obras anteriores, com as quais essa obra dialoga. Essa diretriz encontra-se também em textos de Antônio Cândido, para quem a lite-





Guimarães Rosa: em *Grande Sertão: Veredas*, o escritor propôs todo um projeto de reeducação do Brasil, o que mostra sua atualidade

ratura brasileira chegou ao seu grau de independência no momento em que uma obra anterior engendra uma posterior. Sua *Formação da Literatura Brasileira* termina com essa demonstração. Vai até Machado de Assis, que constrói sua obra na base da obra de José de Alencar. Roberto Schwarz retomou e aprofundou essa idéia de Antônio Cândido. Nessa linha, eu venho trabalhando com a relação entre *Grande Sertão e Os Sertões*.

■ *E Diadorim? O fato de a tradução francesa ter optado por Diadorim para o título do romance desvirtua o entendimento da obra?*

— Essa pergunta surgiu muito cedo na minha vida. Em 1966, o professor Amora me propôs fazer minha tese sobre Diadorim. Foi uma exigência

da qual não dei conta. Demorei mais de 30 anos para escrever sobre essa figura. Trata-se de um artigo, que dediquei ao professor Amora, e vai ser publicado na revista *USP*. É uma versão aperfeiçoada de um capítulo de meu ensaio *grandesertão.br*. Antes, eu queria salientar que a tradução francesa de *Grande Sertão: Veredas* para *Diadorim* é uma certa liberdade do tradutor que, no limite, se justifica. Isso direciona a compreensão do romance e, até na interpretação que eu estou propondo, tem seu cabimento. Não existe grande literatura sem a presença do amor. O amor está em cada página de *Grande Sertão: Veredas*. Assim se justifica a edição francesa dedicada à emblemática figura do amor. Diadorim concentra o conhecimento do povo sertanejo, do qual é um fruto muito especial. Diadorim inicia Riobaldo no conhecimento do sertão. Podemos considerar Diadorim a musa de Rosa e o amor de Riobaldo, que cria essa sen-

sibilidade extraordinária para registrar, com arte e ciência, o retrato do povo do sertão. É isso que eu estou estudando através de Diadorim. Quero mostrar que o personagem se localiza em pontos estratégicos onde também se localiza o povo do sertão.

■ *Nesse sentido, e ainda na tônica de paralelismo, Rosa é mais coerente e profundo que Euclides da Cunha?*

— Muito mais. Em dois aspectos: Euclides transmite uma visão do sertanejo baseada no *pathos*, na heroicidade do sertanejo, sobretudo o sertanejo homem-guerreiro. Rosa cria esse conhecimento por meio da paixão, que é muito mais amplo e abarca homens, mulheres e crianças. A população como um todo. Outra diferença fundamental: em *Os Sertões*, na parte da Luta, eu contei 17 citações de fala de sertanejo; em *Grande Sertão: Veredas* são 1.300. Enquanto Euclides escreveu sobre o sertão de uma forma autoral, uma antropologia de



autor, a antropologia e a etnografia de Guimarães Rosa se baseiam em ouvir o sertanejo falar e deixar o sertanejo falar. Em Rosa, a matéria-prima é a fala do sertanejo. Isso diferencia os dois escritores de maneira radical.

■ *Como o senhor “fotografa” o retrato do Brasil delineado em Grande Sertão: Veredas?*

— Esse conceito foi cunhado no livro de Paulo Prado, de 1928, *Retrato do Brasil*. Mas há antecedentes. O primeiro grande retrato do Brasil, pensando no século 20, é *Os Sertões*, a obra máxima de Euclides da Cunha, com passagens fundamentais sobre a formação – como diz Euclides – das sub-raças sertanejas, que ele considera como cerne da nacionalidade brasileira. A partir dos anos 30, surge uma leva impressionante de retratos do Brasil, que são clássicos para entender a nossa realidade. Obra básica é *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire, que dialoga com essas duas obras; os dois grandes livros de Sérgio Buarque: nos anos 30, *Raízes do Brasil*, e nos anos 50, *Visão do Paraíso*, e, no meio desse percurso, *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior; *Formação Econômica do Brasil*, de Celso Furtado; *Formação da Literatura Brasileira*, de Antônio Cândido. Essas obras dos anos 40 e 50 são o contexto em que nasce *Grande Sertão: Veredas*.

■ *De que maneira surge em Grande Sertão: Veredas a crítica a Os Sertões?*

— A obra de Euclides da Cunha vale a pena ser criticada porque é uma grande obra. Sem *Os Sertões* provavelmente não existiria *Grande Sertão*. Ambos autores constroem seus respectivos retratos do Brasil com uma dimensão de universalidade, como forma de se superar o passado colonial. Um dos grandes méritos de Euclides é ter descoberto o sertanejo como figura histórica e política. É um avanço sobre os naturalistas anteriores e o romantismo, que consi-



Willi Bolle: preso no labirinto de Rosa

deravam o sertanejo como elemento de paisagem, com traços pitorescos e folclóricos. É sobre essa base que Guimarães Rosa constrói sua obra e seu retrato do Brasil, mas com outro enfoque e refinamento. Em uma frase eu diria que *Grande Sertão: Veredas* é uma refinada forma ficcional da história das estruturas. No romance temos uma encenação de todas as formas e tipos de discursos que são forças atuantes no cenário brasileiro. Temos o discurso dos latifundiários, que não mandaram apenas naquele tempo. Continuam mandando. Rosa mostra o discurso de um candidato a deputado: Zé Bebelo. E temos as falas das pessoas do povo. Riobaldo se movimenta entre esses diversos mundos de discursos. São esses

#### O PROJETO

*O retrato do Brasil em Guimarães Rosa*

#### MODALIDADE

Bolsa de pesquisa no exterior

#### ORIENTADOR

WILLI BOLLE – FFLCH/USP

#### INVESTIMENTO

US\$ 16.800

cruzamentos de linguagens que alimentam a visão crítica de Rosa.

■ *Quem transmite hoje as lições do “professor” Riobaldo?*

— Ele tem formado professores em escolas pelo Brasil afora, como o grupo dos Miguelins, os contadores de história de Cordisburgo (cidade natal de Rosa, em Minas). Esse é um projeto de grande visão, porque, paralelamente à proposta de reinvenção do português no Brasil, há o projeto de realfabetizar o Brasil com a obra de Guimarães Rosa. Há uma vertente também que se liga às novas vias de informação, por isso eu chamei meu ensaio de *grandesertão.br* ou *A Invenção do Brasil*. Em *Grande Sertão: Veredas*, o autor colocou um programa de reeducação do Brasil. O grande sertão é a fala grandiloquente dos eternos donos

do poder e as veredas são o lugar da fala de gente humilde. O grande feito de Rosa é, em vez de escrever sobre o sertanejo, fazer o sertanejo falar e incorporar a sua fala à construção da língua. Se esse potencial da obra for ativado em grande escala, como já está ocorrendo, este país se emancipa. Porque vai falar, pela primeira vez, a linguagem não-colonial.

■ *Como isso é possível?*

— Riobaldo diz que o sertão é dentro da gente. É uma paisagem mental. É o pensamento sobre o Brasil. O sertão é aquela região selvagem onde se formam as nossas idéias. Onde nasce a linguagem. A experiência mais radical que Rosa fez nesse sentido está no conto *Meu Tio O Iauaretê*, onde se assiste ao nascimento da linguagem a partir do seu estado selvagem. Selvagem, no sentido de que ali acontece a criação. O pensamento que se está se buscando. É isso que Guimarães Rosa mostra. Essas regiões arcaicas do pensamento e da linguagem podem ser pesquisadas por meio das mais avançadas tecnologias. Com a informática, a inteligência artificial e os espaços virtuais. ●